

Diário de bordo

Um sonhador vitorioso



Roberto Rodrigues*

N O CONGRESSO da Abag deste ano, o homenageado foi o fundador da Jacto, Shunji Nishimura.

A vida e a trajetória desse homem extraordinário é uma viagem iluminada por sua perseverança, pela confiança em si mesmo e na humanidade, pela esperança no futuro melhor, pela honestidade, pela fé no trabalho, pelas virtudes da justiça, do amor ao próximo, da lealdade.

Quando em 1932, aos 22 anos, embarcou para o Brasil, só tinha uma certeza: ia para o desconhecido, com um diploma de técnico em mecânica e 100 dólares no bolso. Mas, decidido a vencer, essa determinação era muito mais poderosa que a tristeza da despedida.

Dotado de temperamento agitado e inquieto, sempre procurando avançar, o jovem Nishimura trabalhou como braçal em uma fazenda de café, em Botucatu. No trabalho duro, ganhou força física e saúde, mas logo viu que não era assim que viveria, e rumou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como garçom na residência de abastados estrangeiros. Nas horas de folga, cuidava do jardim sem que lhe pedissem, e cunhou, então, uma das suas frases célebres: “Se um homem deseja sobreviver, deve trabalhar 8 horas por dia. Mas se deseja aprender, prosperar e crescer, deve trabalhar mais 8 horas por si próprio”. Aí está sua marca registrada.

De volta a São Paulo, empregou-se como soldador numa fábrica, mas, logo depois e casado, foi para Pompéia, onde acabava a estrada de ferro, e montou sua própria oficina, com um cartaz desafiador: “Conserta-se tudo”.

A partir daí, com criatividade, extrema boa vontade em servir quem o procurava, trabalhando duro, foi construindo com solidez um nome honrado, admirado, respeitado e amado. Melhorou a oficina com a compra de torno, solda elétrica e, aos poucos, ia aperfeiçoando seus conhecimentos em máquinas.

Em 1949 fabricou sua primeira polvilhadeira costal. Vendeu várias, mas ainda não tinham qualidade e quebravam com frequência. Nishimura arrumava tudo de graça, trocava peças e sua reputação de seriedade crescia mais.

Daí para a frente, todos conhecem sua história: veio a fábrica Jacto, que superou dificuldades enormes e se firmou como uma das melhores do País.

Nishimura, sua mulher e seus filhos nunca desistiram diante das crises.

Em 1979 colocou no mercado uma colhedeira de café, e então Nishimura consolidou sua filosofia: “De braço dado com o Agricultor, lutar pelo desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira”.

Vitorioso em suas lutas, deu passos significativos na direção da formação de recursos humanos para a agricultura. E a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia se transformou em fazenda-escola modelo.

Esse homem extraordinário, exemplo a ser seguido em todos os campos pelos quais enveredou, inteligente e lutador, tem também uma alma suave, e, dentre suas frases sempre lembradas, há um poema que mostra com clareza seu desprendimento.

“E no silêncio das horas

Canta um pássaro contente

Sem se importar se alguém o ouve

Ou se ninguém está presente” ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

O desafio do amanhã



Cesário Ramalho da Silva*

A SAÍDA dos fundos de investimentos dos mercados agrícolas futuros acendeu o sinal vermelho para o produtor rural brasileiro, que se prepara para iniciar o plantio da safra de verão. As cotações das *commodities*, que estavam inflacionadas pela ação especulativa dos fundos, recuaram significativamente. Na Bolsa de Chicago, onde são formados os preços internacionais dos principais produtos agrícolas, os valores dos grãos despencaram.

Há pouco mais de um ano, com a crise das hipotecas nos EUA, recursos de investidores de maneira geral foram aplicados nos contratos futuros de *commodities*. Porém, em algum momento esses contratos seriam liquidados, o que está acontecendo agora, provocando desvalorização dos papéis. O produtor não tem condições de jogar de igual para igual com os agentes especuladores do mercado financeiro. A volatilidade é tanta que chega a inviabilizar operações de *hedge*.

Soma-se a isso o descasamento entre custos de produção em alta, especialmente dos fertilizantes – que subiram mais de 80% e de que somos dependentes de importações –, e a valorização do real ante o dólar, para que o cenário de preços baixos se torne mais concreto, trazendo fortes preocupações para o produtor. É um momento delicado para a agricultura.

O produtor está apreensivo, pois os custos se mostram incompatíveis com as perspec-